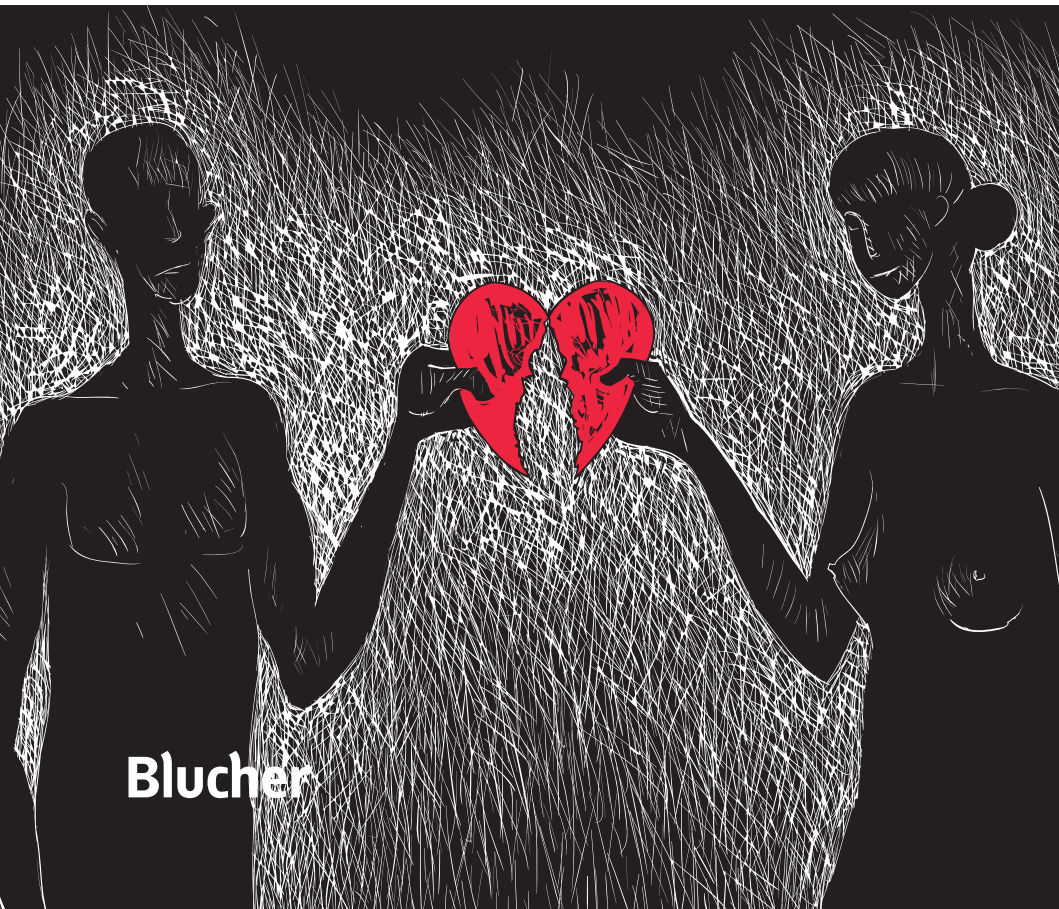


Sonia Thorstensen

A indisponibilidade sexual da mulher como queixa conjugal

A psicanálise de casal, o sexual e o intersubjetivo



Blucher

A INDISPONIBILIDADE
SEXUAL DA MULHER
COMO QUEIXA
CONJUGAL

*A psicanálise de casal, o
sexual e o intersubjetivo*

Sonia Thorstensen

*A indisponibilidade sexual da mulher como queixa conjugal:
a psicanálise de casal, o sexual e o intersubjetivo*

© 2017 Sonia Thorstensen

Editora Edgard Blücher Ltda.

Nota: este livro é o resultado de uma tese de doutorado em Psicologia Clínica, sob a orientação do Professor Dr. Renato Mezan, defendida em maio de 2016, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A ele, o meu agradecimento.

Imagem de capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Thorstensen, Sonia

A indisponibilidade sexual da mulher como
queixa conjugal: a psicanálise de casal, o sexual e
o intersubjetivo / Sonia Thorstensen. – São Paulo:
Blucher, 2017.

420 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1237-9

1. Psicanálise 2. Casais – Comportamento sexual
– Aspectos psicológicos 3. Relação homem-mulher –
Aspectos psicológicos 4. Excitação sexual – Mulher
1. Título.

17-1154

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise: Casais

Conteúdo

Introdução	7
1. A questão da sexualidade na psicanálise atual	21
2. Uma situação clínica	47
3. Trabalhos psíquicos na conjugalidade: a psicosexualidade	65
4. Trabalhos psíquicos na conjugalidade: a intersubjetividade	219
5. Algumas reflexões sobre a clínica psicanalítica de casais: um diálogo com Spivacow	347
6. Trabalhos psíquicos na conjugalidade: entre a erótica da ligação e a negatividade radical	395
Considerações finais	407
Referências	411

1. A questão da sexualidade na psicanálise atual

Natureza/ambiente: uma tensão criadora

“No princípio era o corpo!” Assim escreveu Wrong (1961), sociólogo americano que, insatisfeito com o que chamou de excesso de socialização na concepção do ser humano apresentado pela sociologia, argumentou que o fato de que “interesses materiais, impulsos sexuais e a busca pelo poder tenham sido muitas vezes superestimados como motivações humanas não é razão para negar sua realidade”. De fato, não há como negar a realidade do corpo ao se pensar a sexualidade.

Na outra ponta do espectro temos Giddens (1992), filósofo social inglês que propõe o que chamou de *sexualidade plástica*. Diz ele: “a sexualidade plástica... assume seu lugar como uma entre outras formas de autoexploração e de constituição moral” (p. 144). “O reconhecimento de diferentes tendências sexuais corresponde à aceitação de uma pluralidade de estilos de vida possíveis” (p. 179). Giddens chama essa posição de *pluralismo radical* e aponta que este faz parte de um amplo conjunto de mudanças que integram

a modernidade. A modernidade, entre outros aspectos, acarreta uma socialização do mundo natural, isto é, uma progressiva substituição de estruturas e eventos naturais – que eram parâmetros externos da atividade humana – por processos socialmente organizados. Dessa forma, não somente a própria vida social, mas o que costumava ser visto como “natureza” torna-se dominada por sistemas socialmente organizados. O autor exemplifica mostrando como, na área da reprodução, anteriormente concebida como parte da natureza, a atividade heterossexual era seu ponto focal. Desde que a sexualidade se tornou um componente integral das relações sociais, a heterossexualidade não é mais um *standard* a partir do qual todo o resto é avaliado. Ele aponta que ainda não alcançamos um estágio no qual a heterossexualidade é aceita somente como um gosto entre outros, mas essa seria a implicação da progressiva socialização da reprodução.

Nessa tradição, a natureza seria, portanto, uma categoria social, sendo a verdade sempre construída, não encontrada, e nossas ideias sobre natureza, incluindo aí a natureza humana, seriam também construídas socialmente.

Convém aí sinalizar que a *sexualidade plástica* e o *pluralismo radical* a que Giddens se refere parecem aludir mais às questões sobre a constituição da identidade sexual, que, como Freud já explicitara (1940), está sujeita aos avatares dos processos de subjetivação.

A reflexão sobre a indisponibilidade sexual da mulher como queixa conjugal nos remeterá, no entanto, inevitavelmente, à dicotomia básica natureza/ambiente, tensão explicativa primeira de uma questão que, esperamos, permaneça sempre em aberto nos domínios da psicologia e da psicanálise. O ser humano, em seu permanente devir, e fugindo de qualquer postulado de cunho determinista e totalitário sobre sua constituição enquanto humano,

estará sempre no processo de construir-se, representar-se, projetar-se em seu futuro existencial, no infinito processo de tentativas e erros que caracterizam toda a evolução.

Esse permanente constituir-se, que se origina a partir de um substrato orgânico e genético e sobre o qual o ambiente constrói uma humanidade, será o ponto de apoio em torno do qual circulará todo este trabalho de reflexão.

Como se pode pensar conjuntamente o orgânico e o representacional da tessitura sexual humana? E como pensar as diferenças dos sexos (e as de geração), constituintes do psiquismo, sem incorrer em determinismos aprisionadores?

O impulso sexual, enquanto proveniente do corpo, é “tecido” pelas representações que sobre ele cada indivíduo vai construindo a partir das experiências precoces com seus cuidadores. Temos aí uma inter-relação extremamente complexa entre um substrato orgânico (tanto próprio à espécie quanto decorrente de fatores genéticos e dos eventos do desenvolvimento fetal de cada bebê) e o tecido do erotismo adulto construído sobre ele a partir dos cuidados e das experiências primitivas. Em “Os instintos e suas vicissitudes”, Freud (1957/1915) apontou como as pulsões sexuais apoiam-se, inicialmente, nos instintos de autoconservação, dos quais se desligam apenas aos poucos.

Da mesma forma, desde 1905, Freud já nos indicava a ligação direta entre os cuidados primitivos com o bebê e o erotismo adulto, marcando assim a tecelagem do substrato biológico com as representações sobre a sexualidade. Disse ele:

O relacionamento de uma criança com quem seja responsável por seu cuidado oferece-lhe uma fonte sem fim

de excitação sexual e satisfação de suas zonas erógenas... Sua mãe o vê com sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela o acaricia, o beija, o embala e muito claramente o trata como um substituto de um objeto sexual completo... Todos seus sinais de afeição despertam o instinto sexual de sua criança e a preparam para sua intensidade posterior... Como sabemos, o instinto sexual não é somente despertado pela excitação direta da zona genital. O que chamamos afeição mostrará infalivelmente seus efeitos um dia nas zonas genitais também... A mãe está somente cumprindo sua tarefa de ensinar a criança a amar. (p. 223)

Devemos ter em mente que o próprio Freud, ao mesmo tempo que concebeu a psicanálise atribuindo à sexualidade um protagonismo central no funcionamento psíquico, oscilou, ao longo de sua obra, entre posturas mais organicistas (“biologia é destino”, 1955m/1924, p. 178) e outras inequivocamente sociais (“o psíquico é social”, 1955g/1921, p. 69).

Comentando essa dualidade conceitual de Freud, Breen (1993) atribui à própria complexidade da psicanálise o fato de a teoria freudiana ter sido vista por alguns como atribuindo um inescapável destino biológico para o homem e para a mulher, enquanto outros a entenderam como sustentando a crença revolucionária de que, psicologicamente falando, não nascemos homem ou mulher, que masculinidade e feminilidade são construídos num período de tempo e que são relativamente independentes do sexo biológico. Ela acrescenta:

Acredito que essa dualidade está no trabalho de Freud porque existe uma tensão inerente ao próprio coração desse tema, e é essa a razão pela qual essa oposição não se desfaz e o debate permanece vivo... Acredito que o caminho a seguir é fazer um uso positivo dessa tensão. (p. 1)

Seguindo essa mesma linha de pensamento, utilizei a dualidade conceitual freudiana como modelo de um eixo condutor da reflexão sobre a questão da indisponibilidade sexual conjugal da mulher, tentando, como sugere Breen, fazer um uso positivo dessa tensão. Dessa forma, embora os ângulos mais ancorados no orgânico, como as diferenças anatomofisiológicas sexuais e demais processos vitais que afetam a expressão da sexualidade na mulher (puberdade, gravidez, puerpério, lactação, menopausa, envelhecimento, entre outros), por sua complexidade, escapem ao escopo deste trabalho, sua realidade em momento algum será negada.

Portanto, e retomando o que foi dito, entre as considerações de Wrong de que, de fato, também, “no princípio era o corpo” e as considerações sobre a “sexualidade plástica”, deveremos encontrar um caminho que possibilite um olhar eminentemente clínico sobre a questão da indisponibilidade sexual da mulher como queixa conjugal. Trata-se de uma problemática inevitavelmente imersa num amplo espectro de fatores, tanto orgânicos como intrapsíquicos e interacionais. Diante de tal complexidade, a demanda de alívio do desconforto conjugal torna-se a baliza e o objetivo desta reflexão.

O status da sexualidade na psicanálise atual

Nas últimas décadas, alguns autores, como Breen (1993), Green (1995, 1997, 2002), Harding (2001), Fonagy (2008) e Clulow (2009),

têm se debruçado sobre a questão do papel da sexualidade na psicanálise e na clínica psicanalítica atual. Vamos nos concentrar primeiramente nos questionamentos e aportes que Green deu ao tema.

A contribuição de Green

Num artigo muito citado, Green (1995) comenta sobre o significado e a importância da sexualidade na psicanálise. Ele afirma que, embora não se possa negar que os pressupostos básicos de Freud sustentavam-se no terreno da biologia, seria uma visão acanhada pensar que se tratava de uma mera aplicação de conceitos tomados de sua formação médica. Na verdade, diz Green, Freud inventou a *psicossexualidade*. Se a moralidade sexual do fim do século XIX facilitou-lhe trazer à luz as manifestações da vida sexual que eram então fortemente reprimidas, numa escala maior, ele, no entanto, levantou a hipótese da influência da sexualidade na própria estruturação geral da natureza humana.

Green aponta, por outro lado, que as mudanças nos hábitos sociais que a psicanálise ajudou a implementar, somadas ao progresso no conhecimento sobre a biologia, não trouxeram uma melhora na vida sexual das pessoas que fosse proporcional às modificações ocorridas no âmbito dos costumes. Ele cita o próprio Freud que, em 1964f/1938, escrevera que algo estava faltando, intrinsecamente, na sexualidade, que permitisse descarga e satisfação completas. Freud acrescentara que talvez esse fato decorresse não de uma inibição devido a influências externas, mas da própria natureza insatisfatória da sexualidade. “En attendant toujours quelque chose qui ne venait point”, escreveu ele (p. 300). Segundo Green, isso o fez pensar em inibições internas que não permitiriam o prazer total

devido a algum conflito antagônico, enraizado, basicamente, no funcionamento da pulsão.

Green (1995) mostra como Freud preocupava-se com a influência de outros fatores, além da repressão, que são igualmente resistentes ao florescimento completo das pulsões eróticas. O próprio Green comenta que os instintos de autopreservação têm menos poder para inibir a sexualidade do que os destrutivos. Ele afirma:

Os instintos de autopreservação induzem apenas cautela, sua ação requer apenas uma limitação da satisfação sexual. Com as pulsões destrutivas, o resultado é mais radical. Se, como Freud propõe, a destruição primitiva é primeiro dirigida para o interior, a sexualidade, como tal, é atacada e, se a fusão das pulsões não for consumada em grau suficiente, uma certa quantidade de destrutividade é liberada além das combinações sadomasoquistas, levando a uma alteração profunda da sexualidade, como nos sintomas observados nas desordens fronteiriças, nas psicopatologias do narcisismo e em outras estruturas não neuróticas. (p. 218)

Green prossegue propondo que se pode até assumir que esses sintomas tenham pouca conexão com a sexualidade e que seriam melhor explicados em termos de relações de objeto. Nesse ponto, ele coloca a questão de qual seria nossa concepção de inconsciente. Para ele, e seguindo Freud, o inconsciente está fundamentado na sexualidade e na destrutividade, e, mesmo que categorias muito distantes da sexualidade e da destrutividade possam desempenhar um papel na atividade psíquica, ele as considera descrições fenomenológicas ou psicológicas semelhantes a formações intermediárias

que, quando analisadas, ao fim de tudo, trazem-nos de volta a essas categorias extremas descritas por Freud.

Quando pensamos em vida amorosa, a questão da fusão suficiente dos impulsos sexuais e dos impulsos destrutivos adquire importância central, especialmente levando-se em consideração o grau de acúmulo de frustrações e ressentimentos que a vida conjugal acarreta. Nesta, amor e ódio são, de fato, inseparáveis.

Green passa, então, a apresentar algumas constatações feitas a partir de sua observação sobre a psicanálise contemporânea. Ele aponta:

Acontece frequentemente que ao ouvirmos o material apresentado por certos colegas... a presença manifesta de sexualidade... é interpretada de um modo que apenas tangencia a esfera da sexualidade, para dirigir-se a relações objetais de natureza supostamente mais profunda, de uma maneira que recusa, intencionalmente, dar atenção aos aspectos especificamente sexuais, que são, muito frequentemente, considerados mera defesa. (p. 219)

O autor comenta ainda que, para esses analistas, a sexualidade não é mais considerada fator principal no desenvolvimento infantil, nem determinante etiológico para a compreensão da psicopatologia clínica. E ele prossegue, fazendo um comentário que, parece-nos, tem implicações importantes para a psicanálise de casal e família, pois além de praticamente anular a sexualidade como fundamento sobre o qual se constrói a vida conjugal e familiar, indica também uma lacuna conceitual no trato das questões clínicas que a ela se referem. Diz ele:

Como se ela [a sexualidade] fosse considerada um tópico de significação especializada, uma área limitada do mundo interno, entre outras... Temos uma relativa subestimação, até mesmo desprezo e, por vezes, ausência da sexualidade nos instrumentos conceituais que deveriam iluminar nossas ideias. (p. 217)

Essa observação de Green, curiosamente, remete-nos às visões organicistas sobre a sexualidade, que a nomeiam como um entre outros “sistemas” (respiratório, nervoso, digestivo, reprodutivo etc.), ou comportamentalistas (considerando-a um comportamento entre outros e não a própria constituição psíquica do sujeito).

Em trabalho anterior (Thorstensen, 2011), e justamente questionando essas visões parciais da sexualidade, desenvolvi a argumentação, a partir da teoria freudiana, sobre os caminhos da sexualidade-incestualidade presentes na relação mãe-bebê, constituintes tanto do indivíduo como da família e, obviamente, também do casal; da mesma forma, enfatizei que a sexualidade se institui como um *pathos*, isto é, uma paixão, um sofrimento, um assujeitamento que buscam o equilíbrio, inevitavelmente precário, entre o que é da ordem do constitutivo do ser e o que é da ordem do aprisionador e mortífero.

Voltando a Green (1995), este vai ainda mais longe, afirmando ter concluído que, mesmo diante de estruturas não neuróticas, e depois de décadas trabalhando com esses pacientes, toda estrutura de sintomas em que a sexualidade parecia desempenhar um papel contingente ou pouco importante atuava como se os outros aspectos, não abertamente genitais, destinassem-se a proteger e ocultar o núcleo da patologia. Segundo ele,

Quando o paciente age desse modo é porque, na maioria dos casos, tem alguma percepção inconsciente de que dar à sexualidade e à genitalidade sua importância verdadeira expô-lo-ia a grandes riscos, tais como a impossibilidade de aceitar a menor frustração, os tormentos da decepção, as torturas do ciúme, as tempestades de ter que admitir que o objeto é diferente da imagem projetada nele, a desorganização da destruição sem limites, seja do objeto, seja do self, em caso de conflito etc. É com a finalidade de evitar todas essas ameaças de colapso que o paciente se desobriga de uma relação total e completa, deixando campo para outras regressões que, felizmente para ele, não envolvem a existência de outro objeto e as insatisfações que este poderia causar. (p. 220)

Como podemos constatar, Green aponta para a importância central da vida amorosa enquanto organizadora do psiquismo, e em linha direta com as experiências eróticas fundantes.

O autor continua, enfatizando que a natureza regressiva das fixações pré-genitais não pode ocultar o fato de que o centro de seu significado está relacionado a aspirações genitais, com todas as suas conotações conflitantes: a diferença entre os sexos e entre as gerações, a tolerância à alteridade, o conflito entre o desejo e a identificação com o objeto, a aceitação da perda de controle no gozo sexual etc. Ele propõe “que se questione a ideia de que o sexual e o genital sejam superficiais” (p. 220) e acrescenta:

O valor da vida é vinculado ao que todos os seres humanos compartilham e almejam: a necessidade de amor, de gozar a vida, ser parte de uma relação em sua expressão

mais completa etc... Somos confrontados aqui com nossa ideologia sobre para que serve a psicanálise. Qual o seu objetivo? (p. 220)

Ele se posiciona:

Não seria o ser capaz de sentir-se vivo e investir as muitas possibilidades oferecidas pela diversidade da vida, a despeito dos desapontamentos inevitáveis, fontes de infelicidade e de cargas de sofrimento? (p. 220)

Nesse sentido, Green segue diretamente as reflexões de Freud (1955e/1930) a respeito do mesmo tema. Enumerando as formas de buscar a felicidade, e acrescentando que essa seria a forma que mais se aproximaria de seus objetivos, Freud acrescenta:

Estou falando de um modo de vida que coloca o amor no centro de tudo, que busca toda a satisfação em amar e ser amado. Uma atitude psíquica desse tipo surge naturalmente para todos nós; uma das formas nas quais o amor se manifesta, o amor sexual, nos ofereceu nossa experiência mais intensa de uma avassaladora sensação de prazer e assim nos forneceu um padrão para nossa busca de felicidade. O que seria mais natural do que persistirmos em procurar a felicidade na trilha na qual nós primeiramente a encontramos? (p. 82)

Freud aponta, no entanto, que nunca estaremos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, pois corremos o risco de perder o objeto ou o seu amor. Como Freud, Green também

aponta que a psicanálise mostra que são as frustrações da vida sexual que os neuróticos não podem tolerar, criando satisfações substitutas sob a forma de sintomas.

Continuando, Green apresenta a evolução do pensamento de Freud sobre a sexualidade.

Green e a evolução do pensamento de Freud sobre a sexualidade

Era óbvio, diz Green (1995) nesse mesmo artigo, que para Freud o primeiro passo seria diferenciar muito bem a sexualidade da genitalidade, e também distinguir as fixações, as formações reativas, as sublimações etc. Freud estendeu o campo da sexualidade infantil para partes do corpo que não tinham conexão direta com o sexo. Em seguida, num avanço gradual, postulou a infiltração da sexualidade em partes do mundo psíquico que se supunha escaparem à sua influência, ou mesmo opor-se à sua ação. O *eu*, por exemplo, anteriormente era considerado antagônico à sexualidade, ficando do lado dos instintos de autopreservação. Posteriormente, com o conceito de narcisismo, o *eu* passou a ser preenchido por essa mesma libido, contra a qual, pensava-se anteriormente, deveria lutar, e o conflito configurou-se entre a libido narcísica e a libido objetal. Outros atributos da sexualidade também se evidenciaram, como sua possibilidade de combinação com tendências que pareciam opostas a ela, como no caso da agressão fundida à libido, originando o sadismo e o masoquismo, ou a reversão em seu contrário, como no caso amor-ódio, além da sublimação e da repressão.

Para Green, ao construir a teoria das pulsões, Freud (1957/1915) foi além do que estava sendo reprimido na vida humana civilizada. Mais importante foi sua descrição das transformações da sexua-

lidade. Se tomarmos sua definição de pulsão “como uma medida de demanda de trabalho feita à mente, em consequência de suas conexões com o corpo” (p. 223), é essa referência ao “trabalho” que explica as transformações que ocorrem, mudando os conteúdos de sua expressão inicial. Ele continua afirmando que podemos observar que a sexualidade, com todas as suas manifestações, ao longo de toda a vida, é um estímulo extraordinário para o pensamento, e dá origem a toda sorte de construções imaginárias e míticas. Seu potencial de transformação constrói um pensamento complexo, e é o incitamento mais poderoso para o trabalho psíquico.

Cabe assinalar aqui que “a demanda de trabalho feita à mente em consequência de suas conexões com o corpo” postulada por Freud adquire toda uma intensidade e amplitude se considerada no contexto da relação amorosa, na qual surge o outro em sua alteridade, outro existencial e, especialmente, outro do outro sexo. Sem dúvida, a relação conjugal implica uma extraordinária demanda de trabalho psíquico para poder se viabilizar.

Voltando ao texto de Green, ele enfatiza:

O lugar e a influência da sexualidade não podem ser reduzidos, a despeito da obscuridade de suas manifestações, muitas delas ocultas... Estamos, de fato, questionando as raízes da mente vinculadas ao corpo, e ligada a objetos, imersas numa cultura. E quando, finalmente, consideramos suas expressões muito distantes de seus conteúdos manifestos, dirigimo-nos para uma relação entre sexo e vida. (p. 224)

Em 1955d/1920, acrescenta Green, Freud introduz a ideia de Eros. Em vez de falar em pulsões sexuais, ele fala agora de pulsões

de vida, uma mudança que se tornou evidente e justificada por sua antítese, a pulsão de morte. A sexualidade aparece aqui equiparada com a vida, do mesmo modo que as pulsões não sexuais deveriam avançar em direção à meta final da vida, a morte. Mas ele iria fazer também outro acréscimo, posteriormente, ao falar, indistintamente, de pulsões de vida ou amorosas.

Green aponta que Freud (1955d/1920), ao escrever que “a maior parte do que conhecemos sobre Eros, ou seja, sobre sua expressão, a libido, foi adquirida pelo estudo da função sexual” (p. 151), está fazendo uma distinção entre Eros (pulsões amorosas e de vida) e a sexualidade, que passa a ser apenas uma função, e que a libido é a representante de Eros. Temos aí, então, um encadeamento: *o conceito* (Eros enquanto pulsões amorosas e de vida), *seu representante*, a libido, e *sua função*, a sexualidade.

Freud sublinhou que a sexualidade não deve ser confundida com Eros, e Green argumenta que, se tomamos a relação entre vida e amor, chegamos à conclusão de que Eros, exprimindo-se como uma pulsão de vida, funciona como um vinculador psíquico, aquele que busca unir-se a um objeto. Com referência à sexualidade, sublinha, também, que o objeto de amor é principalmente prazeroso. A ligação entre amor, vida e prazer é, portanto, muito poderosa em Freud. Essa conexão implica a existência, mais cedo ou mais tarde, da consciência do outro como separado do *eu* inicial, com todas as suas consequências em relação às ansiedades que daí podem surgir.

Ao concluir esse seu trabalho, o autor lembra que Freud colocava a sexualidade no centro do desenvolvimento psíquico, da teoria psicanalítica e do trabalho clínico. Rever as ideias de Freud, portanto, seria recolocar a importância da sexualidade genital e do complexo de Édipo no seu lugar central.

Numa publicação posterior, e enfatizando a relação entre sexualidade e prazer, Green (1997) assinala que atualmente, “mais do que nunca, a sexualidade é definida pela separação entre a função reprodutiva... e a busca humana do prazer propiciado por sua prática, ou, mais ainda, pela independência mútua desses dois aspectos”. Temos aí, diz ele, a “distinção entre a sexualidade biológica e a psicosexualidade, o que constitui uma dualidade fundamental” (p. 345).

Seguindo o pensamento freudiano, Green propõe, portanto, que, no centro do amplo espectro das manifestações da sexualidade, está o princípio do prazer-desprazer. Por um lado, o princípio de realidade surge como um princípio do prazer modificado, que preserva e serve como salvaguarda do prazer, provendo proteção contra dois perigos: a desorganização do *eu* devido à indulgência descontrolada diante de várias formas de prazer (o uso de drogas é o exemplo mais dramático, fora da área da sexualidade) e a transgressão da lei (cujas formas mais extremas são o incesto e o parricídio). Por outro lado, o princípio do prazer também pode desdobrar-se na sexualidade criminosa.

Sobre o mesmo tema da relação sexualidade-prazer, no texto de 2002, Green aponta:

O vínculo que une sexualidade e prazer é o que forma o fundamento do sexual na psicanálise. A sexualidade é, em suma, o ‘prazer dos prazeres’, como a proibição do incesto é a ‘regra das regras’... Entre as funções corporais é a sexualidade que, visando ao prazer, está em busca de um objeto para se satisfazer. O autoerotismo inicial é obrigado a dar lugar ao objeto de satisfação situado fora dos limites do sujeito... nunca esqueçamos

que falamos de psicosexualidade, a complexificação da organização psíquica destinada a encontrar o objeto susceptível de prover a satisfação justificando a definição freudiana da pulsão... a sexualidade-prazer desempenha um papel maior no psiquismo, pois a falta, a busca de um objeto susceptível de assegurar a satisfação do prazer não imediatamente acessível, abre a dimensão do desejo. (pp. 85-87)

A relação entre a psicanálise e a sexualidade, segundo Green

Assumindo a importância da sexualidade-prazer (“a sexualidade é, em suma, o prazer dos prazeres”), Green levanta a questão da relativa falta de atenção da psicanálise contemporânea para essa questão. No texto de 1997, assim como no de 2002, Green posiciona-se com firmeza diante das questões sobre a relação da sexualidade com a psicanálise.

No de 1997, ele comenta sobre a importância relativa das pulsões em relação ao objeto, postulando que

Em nossa opinião, a pulsão é a matriz do sujeito. Na teoria freudiana, o eu surge a partir das relações entre as pulsões e o mundo externo. O sujeito-enraizado-nas-pulsões pode ser visto como representando a primeira forma dos requerimentos que implicam em um desejo. No entanto, o aspecto a que estamos nos referindo aqui é menos o de um suporte para a ação do que o que “age” o sujeito, impulsivando, por assim dizer, seus pensamentos, representações,

afetos, ações. O eu é “ágido” pelas pulsões e tende a se apegar ao objeto como a um seu complemento. (p. 346)

E acrescenta:

De toda forma, a sexualidade humana é caracterizada, principalmente, pela constância da pressão do impulso sexual, o que a torna um fator poderoso na elaboração imaginativa e que não tem nenhum outro equivalente na mente humana. (p. 349)

Comentando a tendência de muitos analistas de minimizar, ou mesmo ignorar, material de conteúdo sexual em suas interpretações, Green aponta:

Trata-se da diferença entre a concepção da sexualidade arcaica [infantil] de um lado e o mascaramento sexual defensivo de outro. No primeiro caso, a sexualidade permanece como o objeto da análise, mas no segundo o analista faz um curto-circuito, voltando-se para o que ele acredita ser mais relevante, algo que a antecederia e que causaria suas manifestações. (p. 347)

No texto de 2002, Green direciona uma abertura para a clínica:

Se admitirmos que a solução do problema não se encontra nem somente do lado da pulsão, nem só do lado do objeto, mas que é justamente a dupla pulsão-objeto que devemos ter presente em nossa mente em todas as etapas,

parece-me que estamos numa posição muito melhor para dar conta da clínica. (p. 90)

Nesse mesmo texto, Green conclui que a psicanálise moderna corre o risco de tornar-se uma teoria exclusivamente psíquica desmontando o esforço da construção teórica freudiana, baseada no jogo de forças de impulsos contraditórios, a famosa “demanda de trabalho feita à mente, em consequência de suas conexões com o corpo” (p. 122), postulada por Freud (1957/1915). E ele alerta para os riscos de as teorias intersubjetivas enveredarem-se pelos mesmos caminhos. Assim se expressou Green:

a preocupação constante de Freud em articular a ordem do psíquico com o somático é deixada de lado na psicanálise moderna, que se torna cada vez mais uma teoria psicológica, ou exclusivamente psíquica, acentuando o hiato entre a participação do soma e a participação do psiquismo. Da mesma maneira, quando se refere ao objeto [ao outro], um movimento complementar finaliza a minimalização do papel pulsional, considerado como uma fonte de erros, tendente a biologizar o psiquismo e ignorar a dimensão relacional... vemos o prolongamento dessas confusões nas teorias ditas intersubjetivistas onde a relação entre dois sujeitos leva ainda mais longe a tendência a fazer prevalecer o polo relacional sobre qualquer outro. (p. 90)

No Capítulo 5, faremos uma reflexão a respeito das “teorias intersubjetivistas” e “sua tendência a fazer prevalecer o polo relacional sobre qualquer outro”, no caso apontado por Green, des-

considerando o pulsional, e no caso da clínica de casal, tendendo a desconsiderar a bagagem “intrapísica”, aportada por cada parceiro para a relação.

Voltando a Green, este apresenta, então, uma contribuição clínica.

Falando sobre os componentes do campo de Eros, Green (1997) propõe o que chamou de *cadeias eróticas*. Ele indica que se deveria substituir a visão centrada sobre um elemento particular, seja qual for sua importância, pelo conceito de uma cadeia erótica que começa com a pulsão e suas moções, prolonga-se naquilo que se manifesta sob a forma de prazer-desprazer, expande-se no estado de expectativa e busca do desejo, alimentado por representações conscientes e inconscientes, organiza-se sob a forma de fantasias conscientes ou inconscientes e também se ramifica na linguagem erótica ou amorosa das sublimações.

Dessa forma, em termos clínicos, Green sugere que, no lugar de definir a sexualidade em relação a um único centro, ou reduzir uma entidade à outra (exemplos: a pulsão ser equivalente à fantasia inconsciente, ou a ideia de que o desejo é o desejo do outro, eclipsando a pulsão), deveríamos, a cada momento, identificar o elo da cadeia com a qual o analista está confrontado e ir especificando como sua elaboração, junto com a elaboração de suas possibilidades dinâmicas, topográficas e econômicas, seus processos de ligação e desligamento, trabalham para a transformação desse elo. Em vez de manter a ideia de que a excitação se origina em uma ou outra ponta da corrente, trata-se de seguir os movimentos dinâmicos dos processos eróticos por meio do material e da sua conexão com outros aspectos da atividade psíquica.

Ele aponta que, naturalmente, é impossível focalizar esse processo sem, ao mesmo tempo, prestar muita atenção ao seu antago-

nista, o processo destrutivo (e não somente o processo agressivo ou sádico), como também ao *eu*, ao *supereu* etc.

Só assim, diz Green, “o Eros de Freud cessaria de ser uma entidade mitológica e, em vez disso, poderia ser concebido verdadeiramente como um processo, que utiliza e que se relaciona com as várias formações da psique e com vários tipos de defesa” (p. 349).

E conclui afirmando que, diante de todas as contradições e complexidades que o tema suscita, a teoria freudiana, apesar de suas insuficiências e considerando a necessidade de uma atualização apropriada, ainda é a que melhor dá sustentação a tais contradições e complexidades.

Outros autores que pensaram a relação entre psicanálise e sexualidade

Autores como Harding (2001), Fonagy (2006) e Clulow (2009) também contribuíram para o desenvolvimento da reflexão sobre o tema sexualidade e psicanálise atual.

Clulow, na introdução de seu livro, pergunta-se, jocosamente:

Do ponto de vista da psicanálise, o que constituem os “fatos da vida”? Quais são as histórias que nossos mentores profissionais nos contam sobre os equivalentes psicológicos dos “pássaros e abelhas”? De fato, essas histórias têm alguma coisa a dizer sobre sexo ou, como as invenções dos pais envergonhados, desviam nossa atenção para longe do que realmente deveríamos saber em relação à vida sexual de nossos pacientes? (p. XXV).

Para ele, essas questões deixam imediatamente aparentes como a metáfora e o simbolismo brotam nas comunicações sobre a sexualidade, toda permeada por ambiguidades e significados. Trata-se, afinal, não somente da interpenetração dos corpos, mas também da interpenetração das mentes e dos estados afetivos. Pode ser difícil manter corpos, mentes e sentimentos unidos ao considerar questões sexuais. Ele dá exemplos: um urologista diante de um problema de ereção pode não dar atenção ao contexto da relação em que o problema ocorre, ou um psicoterapeuta, diante da falta de desejo sexual da mulher, pode desconsiderar as questões bioquímicas envolvidas. Fazer a conexão das dimensões psíquicas e somáticas, homem e mulher, individual e social, no sentido de formar uma compreensão holística da experiência sexual, não é uma tarefa fácil, pois implica trabalhar com fenômenos diferentes, mas interconectados.

Ele continua, no entanto, com uma observação bastante óbvia: a de que a sexualidade, para os terapeutas de casal, é parte inevitável de sua atuação profissional, pois a característica que define casamento e vida em comum adulta é a sexualidade, mesmo quando não há sexo na relação. Sexo permeia cada fibra do casal de namorados, faz parte de sua identidade como casal, define uma fronteira de exclusividade e constitui um poderoso símbolo, público e privado, de intimidade entre os parceiros. É a pré-condição para criarem juntos uma criança. Por meio do sexo, os parceiros têm oportunidades de se conectarem um ao outro e consigo próprios, não só física, mas também emocionalmente, e a partir do mais profundo de seus seres. Também por meio do sexo, eles podem se desconectar um do outro ao testemunhar a traição da intimidade quando um dos parceiros tem um *affair*, ou quando o sexo torna-se despersonalizado e insular. Sexo é uma forma de comunicação tanto quanto um encontro de corpos.

Para o autor, as raízes da sexualidade formaram uma rede complicada que embaralhou o debate psicanalítico desde que Freud (1955m/1924) declarou que anatomia é destino, que o desenvolvimento é direcionado pela presença ou ausência de pênis e que a base da patologia sexual deve ser procurada nas tentativas de bloquear ou desviar a expressão da pulsão libidinal por meio de seus canais oral, anal e genital na direção do objeto. De modo simplificado, o desejo sexual foi concebido por Freud como uma energia instintiva que busca o prazer, a libido, e que procura expressar-se por meio de uma progressão de zonas corporais. Dessa forma, conclui o autor, do ponto de vista freudiano, os “fatos da vida” correspondem à progressão do bebê até a resolução do Édipo.

Esse modelo, no entanto, continua Clulow (2009), suscitou muitas críticas: por ser falocêntrico, pela ênfase no desenvolvimento pulsional linear, desconectado de suas origens relacionais (por exemplo, ignorando o papel que os pais desempenham ao encorajar ou desencorajar a sexualidade de suas crianças); pela afirmação da universalidade do Édipo a partir da análise de adultos que viveram numa cultura que já não existe mais. O Édipo, segundo esses críticos, seria apenas uma de muitas metáforas e complexos, uma constelação de significados que pode contribuir para nossa compreensão da sexualidade.

Por outro lado, a teoria psicanalítica, desde os dias de Freud, vem sofrendo mudanças referentes ao tempo, ao lugar e à cultura. Entre outras, é interessante notar como, à medida que analistas mulheres e não médicas substituíram seus colegas mais velhos, todos médicos e homens, houve uma mudança na teoria: a localização do Édipo mudou dos primeiros anos para os primeiros meses de vida, do casal parental para o seio bom e mal. Essa feminilização da psicanálise por Klein e seus seguidores colocou de lado o significado do pai e, no centro, a relação mãe-bebê.

Para Clulow, a ênfase na relação mãe-bebê, na motivação social em lugar da pulsional para formar e manter relacionamentos, no ódio no lugar do desejo e na capacidade de pensar como a marca maior da maturidade pode ter excluído a sexualidade da psicanálise.

O autor aponta que, atualmente, o debate psicanalítico tem dois polos: de um lado, a perspectiva estritamente freudiana, que explica a sexualidade em termos de impulso instintivo; de outro, a psicanálise relacional, que subordina o papel da biologia aos processos interpessoais na formação e expressão do sentimento sexual. Narrativas relacionais ligam biologia e processos interpessoais em ciclos perpétuos de influências mútuas. Na sua forma mais extrema, sexo seria uma forma de sociabilidade, um meio de contato, um caminho para a intimidade. Aqui, o que pode ser atribuído ao corpo e à pulsão é compreendido como formado pelas interações sociais. Tanto as perspectivas freudianas como as relacionais reconhecem a importância da biologia e do ambiente para formar a sexualidade; suas diferenças são mais em termos de se o significado psicológico deriva de forças pré-formadas ou se é criado e formado por meio dos relacionamentos.

De toda forma, para Clulow, qualquer que seja a perspectiva preferida, permanece o sentimento desconfortável de que a sexualidade “saiu” da psicanálise. Ele cita Fonagy (2006), que, ao constatar a diminuição do interesse da psicanálise pela sexualidade, fornece algumas explicações: a natureza problemática da teoria instintual de Freud e a dificuldade para reconciliá-la com a teoria de relação de objeto; a resistência inconsciente e o excesso de pudor da comunidade psicanalítica; a influência de Klein e a ênfase na díade mãe-bebê; e a frequência com que as patologias *borderlines* se apresentam nos consultórios atualmente e para as quais as interpretações sexuais não são proveitosas. Fonagy propõe que “o sexo deixou

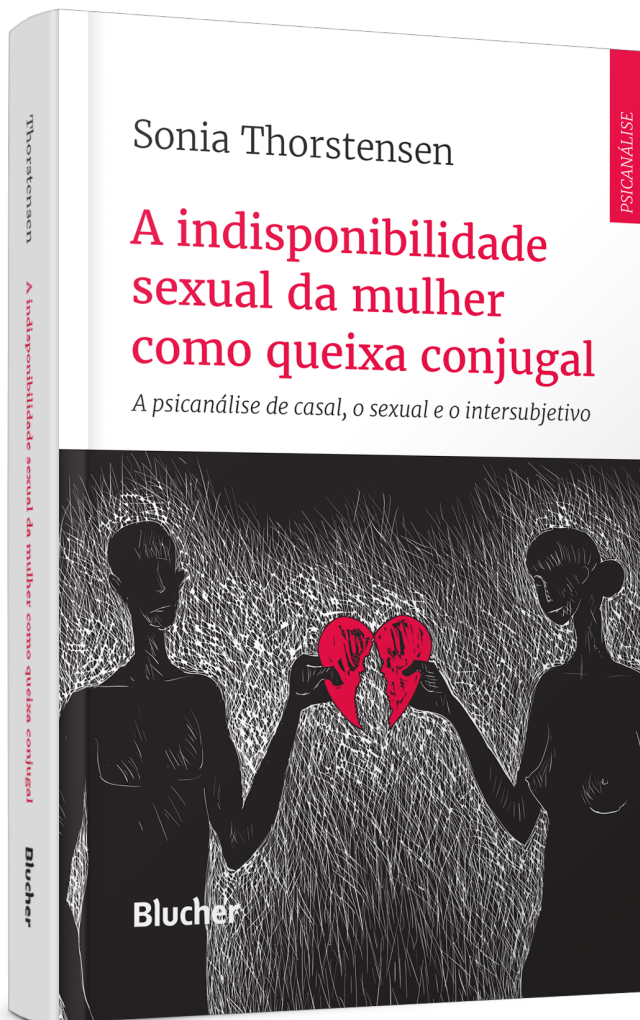
a psicanálise porque esta não foi capaz de prover uma explicação forte e intelectualmente satisfatória da experiência psicosssexual normal” (p. 6).

Para Clulow, esse fato é um problema para os psicanalistas que trabalham com casais, dado que a característica que define a maioria das relações de casal é a atividade sexual, ou a preocupação com a ausência dessa atividade. É impossível conceber uma psicanálise de casal que não seja minimamente atenta ao componente sexual da relação.

As considerações tecidas por Green e Clulow nos indicam uma situação paradoxal, para não dizer absurda: trabalha-se na clínica de casal e família como se a sexualidade não fosse o elemento fundamental sobre o qual a estrutura do casal e da família se constrói. Esse elemento deve ficar “escondido” no discurso clínico e na teorização. Eles apresentam seus argumentos sobre o porquê dessa situação. A esses argumentos, podemos acrescentar o que o próprio Freud nos ensinou, ou seja, que a curiosidade a respeito da sexualidade dos pais é fortemente reprimida logo nos primeiros anos e que, sobre essa repressão, um processo de subjetivação institui-se. Constatamos que ela assim permanece, mesmo nos dias atuais, em que a exacerbação e a exposição sexual nas *media* e redes sociais poderiam dar a entender que até mesmo essa repressão teria se modificado. Parece não ser isso o que acontece. O fato é que, na posição de analista, este estará, inexoravelmente, colocado diante de sua cena primária e de suas curiosidades sexuais reprimidas. Nesse caso, poderíamos dizer que, em vez do “retorno do recalcado”, temos aí um “recalque que retorna”, dificultando a escuta na clínica conjugal.

Vejam, a seguir, como uma situação clínica nos encaminha diretamente para essas questões, além de indicar toda a comple-

xidade do entrelaçamento de fenômenos intrassubjetivos, interpessoais e culturais. No decorrer da reflexão e da escrita, constatei que, além do pensamento sobre a intersubjetividade, a contribuição especificamente freudiana se impôs como a que mais oferecia clareza e concisão para o objetivo proposto. Alguns aportes lacanianos completavam, a meu ver, o quadro referencial necessário para a mobilização vital e erótica das situações apresentadas. Surgiu aí um desconforto. Certamente outros enfoques psicanalíticos poderiam ter sido considerados, abordando o caso por outros ângulos. No entanto, onde estaria a sexualidade em muitos deles? Nesse sentido, apresentou-se como indispensável buscar em Freud as indicações necessárias para a possibilidade de uma visão sobre a psicosexualidade conjugal e familiar.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

A Indisponibilidade Sexual da Mulher como Queixa Conjugal A Psicanálise de Casal, o Sexual e o Intersubjetivo

Sonia Thorstensen

ISBN: 9788521212379

Páginas: 420

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017
